

Adornos Corporais - uma Breve Investigação sobre Joias-Relicário

Body Adornments - a Brief Research on Jewelry-Reliquary

Prof.^a. Dr.^a. Beatriz Ferreira Pires

Curso Têxtil e Moda - EACH/USP - Brasil

beatrizferreirapires@usp.br

Resumo:

O presente artigo traçará um breve painel sobre um dos tipos de adorno corporal utilizado com o intuito de proteção: a joia-relicário. Criada na Idade Média pelo cristianismo, tais joias supostamente traziam em seu interior partes desmembradas dos corpos de santos ou objetos que com eles tiveram contato.

Palavras-chave: Corpo; sagrado; joias.

Abstract:

This article will outline a brief panel on one of the types of body adornment used for the purpose of protection: the jewel-reliquary. Created by Christianity in the Middle Ages, such jewels supposedly brought inside parts of the dismembered bodies of saints or objects that had contact with them.

Key Words: Body; sacred; jewels.

Introdução:

Utilizados com intuitos diversos, dependendo do contexto no qual estão inseridos, os adornos corporais podem ser arregimentados - conforme a ideia de transmissão por hereditariedade de costumes e crenças apresentada por Mircea Eliade no livro *O Sagrado e o Profano*ⁱ - como um dos itens pertencentes à herança concedida a nós por nossos antepassados mais longínquos e distantes. A herança a que o autor se refere não diz respeito ao objeto material e a sua utilidade prática imediata, mas aos muitos significados que ele encerra.

Eliade desenvolve este argumento a partir do modo como nossos ancestrais se relacionavam com as esferas do sagrado e da magia.

Em tempos remotos, diferentemente do que acontece hoje, quando majoritariamente somos a-religiosos, tanto partes da anatomia - humana e de animais -, ações fisiológicas, modos de proceder corriqueiros e habituais, como

a localização e orientação espacial das construções, os instrumentos de trabalho, objetos utilitários, etc., estavam vinculados a estas esferas.

Para o autor, o homem contemporâneo, independentemente do fato de ter desvinculado seu corpo e o modo organizacional de seu cotidiano deste domínio, carrega consigo “preceitos religiosos desde os originados em tempos longínquos”.ⁱⁱ

“(...) o homem profano descende do *homo religiosus* e não pode anular sua própria história, quer dizer, os comportamentos de seus antepassados religiosos, que o constituíram tal como ele é hoje.”ⁱⁱⁱ

Item indiscutível do inventário, os adornos corporais, confeccionados em diversos formatos, dimensões e com diferentes materiais, - que oscilam desde o emprego de pigmentos para a feitura de pinturas corporais, até a utilização de variados metais e pedras para a confecção de joias -, atendem a distintas demandas, intentos, motivações e propósitos e agrupam-se em categorias diversas que abarcam, desde a aparência estética, até a proteção - tanto física, material, como imaterial.

Dentre os muitos tipos de adorno que se propõem a proteger seus usuários de demandas imateriais voltaremos nossa atenção para aqueles cuja feitura está diretamente vinculada ao corpo humano. Tal vinculação pode ocorrer em duas circunstâncias: a primeira ocorre quando da utilização da pele como suporte e/ou matéria-prima das formas geradas. Como exemplo, da pele utilizada como suporte, podemos citar adornos feitos através das técnicas de tatuagem, pintura corporal, etc. Como exemplo, da pele utilizada como suporte e matéria-prima, podemos citar adornos feitos através da técnica de escarificação - nesta técnica, para que os desenhos, feitos por meio de perfurações ou cortes, fiquem impressos no corpo, o processo de cicatrização precisa ser entremeado por constantes e vigorosas manipulações sobre os cortes ou perfurações, de forma que a pele sobre cada um destes ferimentos se destaque do todo através da formação de saliências, que podem ou não apresentar colorações diferentes da tonalidade original da pele - queloides. A segunda circunstância ocorre quando da utilização, na compleição das peças, de elementos que originalmente fazem parte do corpo humano - ossos, dentes, etc. - ou de elementos que, em algum momento, tiveram um contato próximo com ele - materiais têxteis, etc.

Neste artigo, quando mencionarmos os adornos resultantes da circunstância descrita por último, nos referiremos aos ornamentos, pertencentes à esfera do cristianismo, denominados joias-relicário. Esta categoria de joia é constituída por peças produzidas, normalmente, em formatos de anéis, broches e pingentes.

Antes de falarmos propriamente das joias-relicário, apresentaremos um breve painel, baseado nas ideias apresentadas por Jean-Claude Schmitt no livro “O Corpo das Imagens”^{iv}, sobre o contexto em que elas surgiram.

Idade Média, Cristianismo, Arte, Imagem, Oposição entre Corpo e Alma:

Período extremamente longo, que se estende do século V ao século XIV/XV, conturbado pela fé, pelo fortalecimento do cristianismo, por guerras, miséria, servidão, doenças, oposição entre corpo e alma, pela figura do Outro, do ser diferente, do estrangeiro que surge em consequência do desenvolvimento das cidades e do deslocamento entre elas.

Foco de profundas e infindáveis desavenças entre a ciência e a religião o corpo humano, neste momento, passa a ser representado pela arte - que, em grande parte, atende a demanda da Igreja - de modo disforme e não proporcional.

Enquanto a ciência deste período outorga ao corpo a responsabilidade pela alma^v, pelo estado de espírito ou de ânimo, pelo temperamento e disposição do indivíduo - através da associação feita entre a teoria grega que estabelecia o calor corporal como diferenciador dos sexos^{vi} com a teoria desenvolvida por Galeno, na qual os humores eram determinados pelos quatro tipos de fluídos corporais^{vii} -, a religião, ao determina que é através do sofrimento físico que a alma se fortalece, estabelece um modo de pensar e de agir que privilegia a alma em detrimento do corpo.

Para o cristianismo corpo e pecado caminham juntos. A forma de atenuar e/ou não cometer os últimos é castigar e/ou nulificar o primeiro. Deste modo ao corpo do seguidor do cristianismo caberá a obliteração de todos os sentidos.

Representado, conforme dissemos anteriormente, pela arte do período de forma disforme e desproporcional - embora fosse perfeito, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, o homem, ao ser expulso do paraíso

distancia-se desta semelhança/perfeição - e condenado a evitar o prazer ou, pelo menos, caso esta atitude não fosse possível, distorcer as reações advindas das sensações prazerosas, este corpo, apesar das restritivas e dos impedimentos descritos na bíblia, conquista - através das chamadas imagens sacras, produzidas por meio de várias formas de representação - um lugar de destaque no interior das igrejas e catedrais construídas neste período.

A explicação para este fato decorre do seguinte motivo: para se fortalecer e conquistar novos fiéis, o cristianismo tinha que difundir a palavra de Deus, transmitir os ensinamentos contidos na bíblia para o maior número possível de pessoas e garantir que os devotos se mantivessem dentro dos preceitos estabelecidos pela Igreja. O que dificultava estas incumbências era o fato de que a grande maioria das pessoas desta época era analfabeta. A solução para este problema era transmitir estes ensinamentos através da utilização de imagens bi ou tridimensionais, confeccionadas seja na forma de vitrais, pinturas, gravuras, seja na forma de esculturas, etc.

O grande responsável pela utilização didática de imagens pela Igreja foi o papa Gregório Magno (século VI). Atribui-se a ele a seguinte frase: "A pintura pode fazer pelos analfabetos o que a escrita faz pelos que sabem ler".

Em outras palavras, o cristianismo se utilizou das propriedades inerentes às imagens - entre as quais podemos destacar: facilidade em cooptar atenção, rápida assimilação e fixação - para auxiliar a conexão entre a esfera humana e a esfera divina. Conforme ressalta Schmitt^{viii}, na Idade Média estas imagens se estabeleceram como uma aparição, uma encarnação.

É justamente a ideia de encarnação - associada à necessidade de propagação ideológica descrita anteriormente - que irá permitir a feitura e a utilização, pela Igreja, das imagens sacras. Ainda segundo Schmitt:

"(...) foi porque o filho de Deus se encarnou, tornando-se homem, entrando na história, que era possível e legítimo aos cristãos ultrapassar as interdições judaicas da representação e do culto das imagens enunciado pelo Decálogo^{ix}.

De modo sucinto, assim como em Jesus - através da encarnação - o divino habitou o humano, as imagens possuidoras de relíquias tinham em seu interior elementos que, por serem parte do corpo daqueles que foram canonizados ou daqueles a quem os fiéis rendem culto, ou ainda, por terem

tocado e mantido proximidade com estes corpos, não pertenciam somente à esfera do profano.

Em outras palavras, as relíquias, ao proverem as representações - como, por exemplo, retábulos e estátuas - nas quais estavam inseridas da materialidade destes corpos ou da materialidade dos objetos que tocaram estes corpos, dotaram estas representações do que não era visível e não pertencia ao mundo dos homens. Ao fazerem isto, as relíquias possibilitaram a aceitação, por parte dos sacerdotes e dos devotos, da utilização de imagens bi e tridimensionais pela Santa Igreja.

Desta forma, ao ser imbuída por uma relíquia a imagem livrava-se de sua condenação a não existência:

"4. Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que existe em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. 5. Não te prostrarás diante dos ídolos, nem lhes prestarás culto, pois eu sou o SENHOR teu Deus, um Deus ciumento. Castigo a culpa dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam, 6. mas uso de misericórdia por mil gerações para com os que me amam e guardam os meus mandamentos." (Êxodo 20, 4-6)

Relíquia - um Instrumento do Cristianismo:

Objetos dotados de grande importância, principalmente durante o período da Idade Média, as relíquias, conforme ressalta Schmitt, asseguravam e legitimavam a presença corporal - logo física, material - de Jesus e dos santos - indivíduos que, embora pertencessem originalmente ao domínio do profano, do humano, adentraram no domínio do sagrado -, no ambiente secular, entre os devotos.

Ao referendarem a existência destes indivíduos, tais objetos, além de legitimarem um dos pontos fundamentais e indiscutíveis da doutrina cristã: a encarnação, garantiam aos fiéis a proximidade com os mesmos e colocavam em foco a ideia de que quanto mais próximo o indivíduo estivesse de Jesus ou de seu(s) santo(s) de devoção mais protegido e seguro ele estaria.

As relíquias podem ser divididas em dois grupos: o primeiro grupo composto por elementos que tiveram contato com os corpos de Jesus e dos santos, normalmente, vestes e objetos que foram utilizados nos martírios

sofridos pelos mesmos; o segundo grupo formado por pedaços desmembrados destes corpos que, na maioria das vezes, se faziam presentes através de ossos, cabelos, dentes, parte da pele, fluídos corporais como sangue e lágrima, etc.

O ato de desmembrar o corpo/objeto/reliquia assegurava ao santo a possibilidade de proteger e conquistar um número maior de fiéis e de obrar e atuar sobre um campo maior de ação. Tal ato só é possível diante da premissa de que cada parte deste corpo conserva, em si, sua “carga sacral primitiva”^x, ou seja, cada parte do corpo/objeto/reliquia carrega consigo as características, qualidades e potencialidades do todo. Esta faculdade é, segundo Mircea Eliade, fundamental para facilitar ao fiel à compreensão dos mistérios da Santíssima Trindade.

“Ademais, as contradições implícitas no culto (por exemplo, a presença simultânea do mártir no Céu e em seu túmulo, ou num fragmento de seu corpo) familiarizavam os crentes com o pensamento paradoxal. Na verdade, pode-se considerar a veneração das relíquias como um ‘paralelo fácil’ (vale dizer, acessível aos leigos) dos dogmas da Encarnação, da Trindade e da teologia dos sacramentos.”^{xi}

Fazendo um parêntese é importante ressaltar que o conceito de que toda parte desmembrada de uma unidade conserva em si os atributos e as potencialidades do todo é anterior ao cristianismo e está presente em várias sociedades ancestrais. Para estas sociedades, ao adquirir ou ingerir, por exemplo, um pedaço, uma parte de um corpo que foi sacrificado, o indivíduo passa por um processo que o leva para além do que ele era antes. Ao ultrapassar os limites de sua singularidade e impregnar-se do outro o indivíduo avoluma-se, torna-se mais denso, intenso em conteúdo, saturado. Tais adensamentos, embora ocorram na esfera imaterial são propiciados por elementos pertencentes à esfera material. Ao tratar do ato sacrificial em “Estudos Alquímicos” Jung diz:

“Tal como extrair e devorar o coração ou o cérebro de um inimigo deve produzir a incorporação de suas forças ou virtudes, o escalpelamento deve significar um apropriar-se *pars pro toto* do princípio da vida ou da alma.”^{xii}

Enquanto para as sociedades ancestrais, o corpo escolhido para ser sacrificado e desmembrado é saudável e potente - sacrifica-se, por exemplo, o

melhor guerreiro da tribo inimiga: que tem melhor pontaria, mais corajoso, astuto, forte, hábil e rápido -, o corpo gerador das relíquias pertencentes ao cristianismo é um corpo torturado, sofrido e debilitado que, para conseguir o fortalecimento e a elevação da alma, passou por inúmeras privações e sofreu martírios terríveis.

Retornando a utilização destes elementos feita pela doutrina cristã, as relíquias, a princípio, eram inseridas em objetos, tais como: crucifixos, cofres, caixas, baús, retábulos, estátuas que representavam santos e partes do corpo dos santos como, por exemplo: cabeça, braços e pernas - neste caso os relicários adotavam e amplificavam a forma da relíquia que continham, por exemplo, o relicário feito no formato de um braço, continha a relíquia do osso do braço de um santo; o feito no formato de uma perna, continha um osso da perna de um santo e assim por diante^{xiii} -, produzidos para permanecerem em ambientes que se relacionavam com o sagrado - catedrais, igrejas, altares, etc.

Por serem elementos que facilitavam o encontro entre os universos profano e sagrado, logo apreciadas e desejadas por muitos, as relíquias, rapidamente, deixaram de ser depositadas apenas nos objetos citados anteriormente que, por serem normalmente difíceis de serem transportados, não se mantinham constantemente junto a seus proprietários e passaram a ocupar o interior de joias feitas exclusivamente com o intuito de abrigá-las.

Ao serem abrigadas em joias, as relíquias se libertavam da imobilidade que os demais receptáculos lhes impunham. Com isto, passavam a ser vistas em todos os tipos de ambientes e não mais, somente, nos espaços consagrados.

A utilização de uma destas joias-relicário colocava seu proprietário numa situação privilegiada, tanto em relação à esfera sagrada, já que a proximidade com a relíquia potencializava a proteção que Jesus ou o santo - do qual a relíquia proveio - lhe despendia, como em relação à esfera secular, uma vez que a posse de uma joia-relicário conferia a seu proprietário um status diferenciado.

Conforme dissemos anteriormente, a utilização de elementos destinados a intensificar a proteção individual e/ou potencializar os dons conaturais daqueles que os possuem precede a doutrina cristã. Em sociedades com outros tipos de crença e outras formas organizacionais - independentemente do

período em que estão localizadas - estes elementos, que no cristianismo são chamados de relíquias, pertenciam à esfera da magia - técnica animista desenvolvida, tanto por imitação e similaridade, como por contágio, com a complexa e difícil função de realizar toda espécie de desejo humano. Em algumas destas sociedades estes elementos eram conhecidos como talismãs, amuletos, etc.

A existência, conforme dito anteriormente, de um forte vínculo entre relíquia e imagem faz com que no cristianismo - fato que não necessariamente acontecia em outras culturas -, tanto nos relicários feitos para permanecerem em locais que se relacionavam com o sagrado, como nas joias-relicário, a relíquia - que permanecia abrigada e protegida no interior destes - ficasse total ou parcialmente oculta. Conforme Schimitt:

“Visualmente, publicamente, o que contém prevalece sobre o contido - cuja presença mais se advinha do que se vê.”^{xiv}

A semelhança entre o emprego dos relicários e dos elementos utilizados por outras culturas como forma de se alcançar objetivos similares coloca em pauta a assimilação, por parte do cristianismo, de práticas realizadas por sociedades pagãs.

“(...) nos adentramos em uma zona intermedia, de transición, entre la cultura antigua y la cultura posterior, em la que la sociedade Cristiana integra em su senso cada vez más prácticas e ideas del paganismo, anteriormente tan combatido por su religión.”^{xv}

Tal semelhança acaba por desabonar o uso de joias portadoras de relíquias e faz com que, por vários séculos, os seguidores do cristianismo não utilizassem materiais orgânicos provenientes do corpo humano na feitura ou na composição de adornos corporais.

Atualmente alguns artistas e designers de joias vêm alterando esta situação e utilizando tais materiais para confeccionar suas obras e peças.

Utilizando, como exemplo, o emprego do cabelo para a confecção destes objetos podemos citar a coleção de joias intitulada “Atração/Aversão” de Kerry Howley, e as peças - par de botas, par de luvas, suspensório, bolsa, óculos, sutiã - desenvolvidas pela artista visual Adrienne Antonson^{xvi}.

Referências Bibliográficas:

BELTING, Hans. **Imagen y Culto - Uma Historia de la Imagen Anterior a la Edad del Arte**. Akal: Madri, 2009.

Bíblia Sagrada.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas - III**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GÉLIS, Jacques. "O corpo, a Igreja e o sagrado." in CORBIN, A., COURTINE, J., VIGARELLO, G.(Org.). **História do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl. **Estudos Alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo como Suporte da Arte - Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem**. São Paulo: SENAC, 2005.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Tessituras Epidérmicas, Têxteis, Visíveis e Não Visíveis - Digressões sobre Corpo Nu, Vestido, Revestido**. Anais do 1º CIMODE - 1º Congresso Internacional de Moda e Design. Guimarães/PT. 2012.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Digressões sobre Vestes Confeccionadas com Materiais Biológicos**. Anais do 1º CONTEXMOD - Congresso Científico Têxtil e de Moda, São Paulo, 2013.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens**. Bauru: EDUSC, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra - O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ⁱ Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ⁱⁱ Pires, Beatriz Ferreira. *Tessituras Epidérmicas, Têxteis, Visíveis e Não Visíveis - Digressões sobre Corpo Nu, Vestido, Revestido*. Anais do 1º CIMODE - 1º Congresso Internacional de Moda e Design. Guimarães/PT. 2012.

ⁱⁱⁱ Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 170.

^{iv} Schmitt, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. Bauru: EDUSC, 2007.

^v Conforme definição do Dicionário Houaiss - Alma: "1. princípio vital; vida. 2. conjunto formado por todas as atividades características da vida (pensamento, afetividade, sensibilidade etc.) compreendidas como manifestações de uma substância autônoma ou parcialmente autônoma em relação à materialidade do corpo."

^{vi} "Na Grécia antiga, a diferenciação entre os sexos masculino e feminino era atribuída ao conceito de calor corporal. Esse conceito, que de acordo com Sennett já havia sido utilizado no Egito, foi aqui aprimorado e desenvolvido de forma não só a esclarecer como se dava o processo físico, "genético", responsável por determinar o sexo do feto – acreditava-se que as mulheres que mantinham seus úteros aquecidos durante o período de gestação davam à luz a crianças do sexo masculino -, como também para justificar e legitimar as atribuições, tendências e comportamentos referentes à identidade sexual assumida." Pires, Beatriz Ferreira. *O Corpo como Suporte da Arte - Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem*. São Paulo: SENAC, 2005, p.29.

^{vii} Cláudio Galeno: médico e filósofo romano de origem grega que viveu no século II, cuja teoria dos humores, resumidamente, diz o seguinte: o corpo possui quatro tipos de fluidos - sangue, muco, bile amarela, bile negra. Cada um deles é responsável por um tipo de humor: sanguíneo (extrovertido, alegre, dispersivo), fleumático (introverso, calmo, pensativo), colérico (extrovertido, bravo, comandante), melancólico (introverso, criativo, deprimido).

^{viii} Schmitt, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007.

-
- ^{ix} Schmitt, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007. p.16.
- ^x Gélis, Jacques. "O corpo, a Igreja e o sagrado." in Corbin, A., Courtine, J., Vigarello, G. (Org.). *História do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.97.
- ^{xi} Eliade, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas – III*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2011. p.61.
- ^{xii} Jung, Carl. *Estudos Alquímicos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p.73.
- ^{xiii} Schmitt, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007. p.288.
- ^{xiv} Schmitt, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007. p.288.
- ^{xv} Belting, Hans. *Imagen y Culto - Uma História de la Imagen Anterior a la Edad del Arte*. Akal: Madri, 2009. p. 69.
- ^{xvi} Pires, Beatriz Ferreira. *Digressões sobre Vestes Confeccionadas com Materiais Biológicos*. Anais do 1º CONTEXMOD - Congresso Científico Têxtil e de Moda, São Paulo, 2013.